

RESENHA¹

XENOFONTE. *Efesíacas* ou *O romance de Ântia e Habrocomes*. Introdução, Tradução e notas Adriane da Silva Duarte. Araçoiaba da Serra/SP: Editora Mnema, 2024.

Maria Ester Cacchi²

Nas últimas décadas, a ascensão dos estudos sobre o romance grego antigo tornou-se inegável. Esse gênero literário, por muito tempo marginalizado dentro do campo dos Estudos Clássicos, tem sido cada vez mais reconhecido por seu valor literário, histórico e cultural. Dentre as cinco obras que compõem o *corpus* do romance grego antigo, destaca-se *Efesíacas* ou *O romance de Ântia e Habrocomes*, atribuída a Xenofonte de Éfeso, cuja recente tradução brasileira, com introdução e notas de Adriane Duarte, publicada pela Editora Mnema (2024), oferece ao leitor lusófono uma leitura cuidadosa, atualizada e criticamente informada desta narrativa singular.

O romance narra as peripécias do casal apaixonado Ântia e Habrocomes, jovens da elite efésia dotados de beleza excepcional, cuja união é colocada à prova por uma longa série de infortúnios. Segundo Duarte (2024, p. 19), a narrativa tem como modelo estruturante a *Odisseia*, embora com significativa inflexão no papel atribuído à figura feminina: em lugar de uma Penélope estática e confinada ao espaço doméstico, encontramos uma Ântia que assume a mobilidade heroica de Odisseu, aventurando-se pelo mundo e enfrentando, com astúcia, situações de perigo e degradação. A tradução de Duarte evidencia essa dimensão da protagonista, ressaltando seu caráter

¹ Recebido em 05/04/2025 e aprovado em 11/05/2025.

² Doutoranda e mestre em Estudos Literários pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (Unesp/FCLAr), Campus de Araraquara, onde atua como professora pós-graduanda de Literatura Grega no Departamento de Letras Clássicas, sob a orientação do Prof. Dr. Marco Aurélio Scarpino Rodrigues. Licenciada em História e Geografia. ORCID: orcid.org/0000-0003-2338-0002.

proativo e inteligente, em contraponto à impulsividade e ao passivismo que marcam o comportamento de Habrocomes. A evocação da fidelidade e da castidade permanece central à narrativa, mas os termos dessa virtude são reelaborados a partir da ação feminina, o que torna a leitura ainda mais instigante à luz de debates contemporâneos sobre gênero e representação.

A edição brasileira distingue-se pela robustez de sua introdução, na qual Duarte apresenta ao leitor as principais questões filológicas, críticas e historiográficas que circundam o romance. Um dos tópicos de maior relevância é a controvérsia em torno da extensão original das *Efesíacas*: seriam cinco livros, como atesta o manuscrito conservado, ou dez, conforme algumas hipóteses reconstruídas a partir de alusões internas e da estrutura de outros romances do gênero? A autora trata da chamada “teoria do epítome”, que via no texto uma versão abreviada de uma obra mais extensa, contrapondo-se a essa leitura à luz das edições mais recentes, sobretudo as de O’Sullivan (2005) e Henderson (2009), que recusam essa hipótese e consideram o texto preservado como íntegro. Com precisão metodológica e honestidade intelectual, Duarte expõe as diversas posições críticas sem reduzi-las a dicotomias fáceis, o que torna seu trabalho uma importante ferramenta para leitores iniciantes e especialistas.

Outro ponto que merece destaque é a justificativa da tradutora para a elaboração de uma nova versão em português. Embora já existisse a tradução de Vítor Ruas (2000), publicada em Portugal, Adriane Duarte argumenta convincentemente que há razões sólidas para a produção de uma nova edição brasileira. Em primeiro lugar, salienta as diferenças linguísticas e culturais entre o português europeu e o brasileiro, que impactam diretamente a recepção da obra. Em segundo, observa que a edição portuguesa se encontra há muito esgotada e passou praticamente despercebida no Brasil. Por fim – e mais decisivamente –, a autora demonstra que, desde então, a bibliografia especializada sobre o romance grego antigo, e sobre *Efesíacas* em particular, cresceu substancialmente. A nova tradução, assim, incorpora avanços críticos importantes, incluindo a utilização das edições críticas mais atualizadas e a rejeição da teoria do epítome, com impactos decisivos sobre a compreensão do texto.

A linguagem da tradução é precisa e fluida, mantendo a elegância do original sem recorrer a arcaísmos ou excessiva modernização. As notas, discretas e pertinentes, cumprem eficazmente o papel de contextualizar nomes,

instituições e passagens mais opacas, sem interromper o ritmo da leitura. A escolha editorial da Mnema, por sua vez, revela-se acertada ao apostar na difusão de um gênero ainda pouco explorado no Brasil, contribuindo para a ampliação do cânone clássico disponível ao público lusófono.

Efesiacas é, assim, uma obra que merece atenção não apenas por seu valor literário intrínseco, mas também pelo que revela sobre o imaginário amoroso, heroico e religioso do mundo greco-romano. A tradução e os comentários de Adriane Duarte representam uma contribuição significativa para o fortalecimento dos estudos clássicos no Brasil, oferecendo ao mesmo tempo rigor acadêmico e acessibilidade editorial. Trata-se de um livro que honra o espírito da Filologia sem perder de vista a potência da literatura.

Referência bibliográfica

BRANDÃO, Jacyntho Lins. *A invenção do romance*. Brasília: Editora da UnB, 2005.